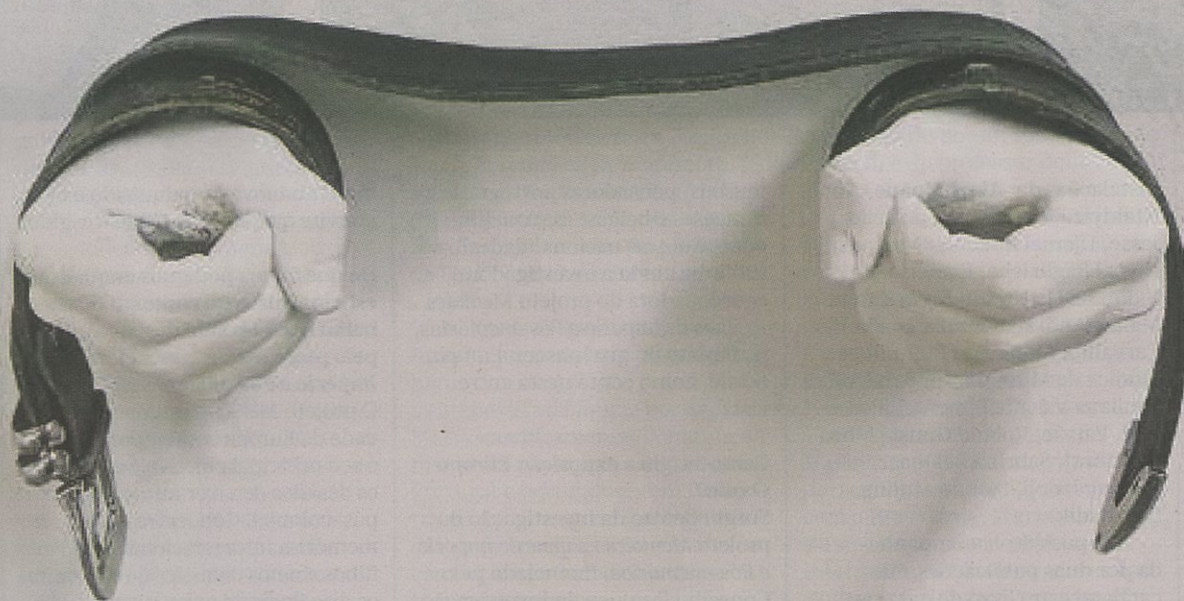


EUROPA — OXALÁ

Uma exposição para pensar as “heranças coloniais”

Entrevista a Margarida Calafate Ribeiro

Pág. 2/3



Paulina Chiziane vence Prémio Camões 2021

Pág. 4

Europa Oxalá

Uma exposição para pensar as “heranças coloniais”



Exposição Obra da fotógrafa Pauliana Valente Pimentel e fotografias da inauguração de Europa Oxalá, no Mucem, em Marselha

■ São 70 obras de 21 artistas nascidos e criados num contexto pós-colonial. Uma produção artística que “reflete sobre as heranças coloniais na Europa de hoje”, diz Margarida Calafate Ribeiro sobre *Europa Oxalá*, uma exposição internacional que decorre de 2021 a 2023 em três instituições de três países: França, Portugal e Bélgica.

Inaugurada no passado dia 20 de outubro, no Mucem, em Marselha, onde está patente até 16 de janeiro de 2022, a exposição pode ser vista em Portugal, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, de 3 de março a 30 de maio de 2022, e segue depois para o Africa Museum, em Tervuren, onde fica de 6 de outubro desse ano até 5 de março de 2023.

“Demos este nome [Europa Oxalá] a fim de veicular a ideia de uma Europa plural, mas unida”, afirmam António Pinto Ribeiro, Katia Kameli e Aimé Mpane, os comissários da exposição que reúne pinturas, desenhos, esculturas, filmes, fotografias e

instalações de: Aimé Mpane, Aimé Ntakyi, Carlos Bunga, Délio Jasse, Djamel Kokene-Dorléans, Fayçal Baghriche, Francisco Vidal, Joséfa Ntjam, Katia Kameli, Malala Andrialavidrazana, Márcio Carvalho, Mohamed Bourouissa, Mónica de Miranda, Nú Barreto, Pauliana Valente Pimentel, Pedro A.H. Paixão, Roland Gunst [John K. Cobra], Sabrina Belouaar, Sammy Baloji, Sandra Mujinga e Sara Sadik.

A exposição é acompanhada por duas publicações – um catálogo e um livro de ensaios –, em quatro línguas (português, francês, inglês e neerlandês), realizadas com o apoio do Camões, I.P. e com a chancela das Edições Afrontamento.

Paralelamente à exposição, cada instituição organizará um ciclo de debates com o intuito de “dinamizar o pensamento sobre a Europa que agora se constrói”, refere Margarida Calafate Ribeiro. “Juntos, estarão artistas, curadores, universitários, diretores de

museus, pensadores portugueses, franceses e belgas, as suas diásporas e outras nacionalidades”, sublinha ainda a investigadora, coordenadora do projeto *Memoirs – Filhos de Império e Pós-memórias*, no âmbito do qual nasceu *Europa Oxalá*, como conta nesta entrevista.

Como surgiu a exposição *Europa Oxalá*?

Surgiu dentro da investigação do projeto *Memoirs – Filhos de Império e Pós-memórias*, financiado pelo Conselho Europeu de Investigação e sediado no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Foi um convite do então diretor da Delegação da Fundação Gulbenkian em Paris, Dr. Miguel Magalhães, ao investigador e programador cultural do projeto *Memoirs*, António Pinto Ribeiro, que viu no trabalho desenvolvido por este projeto a possibilidade de realizar uma exposição de arte contemporânea, conjugando assim um desejo do projeto, o conhe-

cimento inovador adquirido e o convite que lhe tinha sido dirigido.

De que forma podemos enquadrar esta iniciativa no contexto do trabalho que tem sido desenvolvido pelo projeto *Memoirs – Filhos de Império e Pós-memórias*?

O projeto *Memoirs* estuda a diversidade da Europa contemporânea, e o seu principal objetivo é entender os desafios de viver numa Europa pós-colonial. Concentra-se nas memórias intergeracionais dos filhos e netos daqueles que viveram os dias finais do colonialismo e das lutas pela independência nas antigas colónias africanas da Bélgica, de França e de Portugal: República Democrática do Congo, Argélia, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. O caráter inovador do projeto encontra-se nas suas questões de pesquisa, que nunca tinham sido colocadas à escala europeia: Como se deu, na Europa atual, a transferência de memórias do fim do colonialismo nas suas múltiplas

dimensões? Qual o impacto cultural e artístico dessa memória latente na Europa contemporânea?

Como têm procurado as respostas a essas questões?

O *Memoirs* foi construindo uma resposta abrangente, realizando dezenas de entrevistas a descendentes de segunda e terceira geração de ex-colonizadores, ex-combatentes e ex-colonizados que vivem em França, na Bélgica e em Portugal, analisando as suas representações artísticas em cinco áreas – artes visuais, literatura, artes performativas, cinema e música –, lendo múltiplas obras críticas e acompanhando os eventos políticos e os debates dos últimos anos, com comunidades académicas, ativistas, artistas e outros agentes culturais. Foi este longo caminho de conhecimento co-produzido entre diversos atores, com uma programação académica e cultural própria, a publicação de mais de 40 artigos científicos, 50 capítulos, 8 livros e uma newsletter que já soma 150

números, que possibilitou um sólido conhecimento e permitiu avançar para uma parceria internacional construída à volta de um tema tão novo e tão urgente como aquele que é veiculado pela exposição *Europa Oxalá* e que exigia um compromisso múltiplo – desde as instituições, aos curadores e artistas, desde académicos a agentes culturais, desde cenógrafos a tradutores, editores e jornalistas em três países.

Qual é a dimensão inovadora desta exposição? Para utilizar as suas palavras, o que traz de “tão novo”? O caráter inovador desta exposição assume várias configurações, a começar pela narrativa que produz, que, na linha do projeto *Memoirs*, nos mostra como as memórias coloniais moldam o nosso presente e estão em questionamento pelas gerações seguintes. As obras expostas foram produzidas por ‘Filhos de Impérios’, artistas de segunda e terceira gerações, nascidos e criados num contexto pós-colonial, e cuja produção artística, maioritariamente realizada na Europa, reflete sobre as heranças coloniais na Europa de hoje.

É esse o traço que une os artistas de *Europa Oxalá*: são filhos ou netos das gerações que viveram o processo de descolonização?

Sim. Recetores de memórias transmitidas por pais e avós, que nasceram e viveram em territórios colonizados, como o Congo, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Benin, Argélia ou Madagáscar, estes artistas herdaram vozes, sons, gestos, sabores, documentos, imagens, objetos ou narrativas que, no seu conjunto, constituíram pontos de partida para um trabalho de investigação em arquivos públicos e privados, gerando múltiplas interrogações. O que vemos nas suas obras não é o ‘regresso do colonial’, mas as formas contemporâneas de questionar esse passado e as suas permanências na nossa contemporaneidade. A reflexão que as produções artísticas apresentadas em *Europa Oxalá* trazem para temas como as migrações, a luta contra o racismo, a descolonização das pessoas e das artes, as sobrevivências do pensamento colonial europeu desde o nosso quotidiano e das nossas instituições às relações Norte-Sul, apontam-nos para uma Europa cosmopolita que assume novas linguagens, novas narrativas e novos sujeitos históricos. Uma Europa que desenha um futuro transnacional, mais igualitário e mais democrático – *Europa Oxalá*.

A par da exposição foi publicado um catálogo e também um livro de ensaios.

Precisamente. Com o apoio do Camões, I.P., a exposição publicou um catálogo que apresenta as obras dos artistas (fotografias, textos críticos de François de Coninck e notas biográficas) e uma entrevista com os curadores. Paralelamente, foi também publicado um livro com textos da minha autoria e de Amzat

Boukari-Yabara, António Pinto Ribeiro, António Sousa Ribeiro, Ariella Aïsha Azoulay, Cécile Bourne-Farrell, Christine Bluard, Bruno Verbergt, Fabienne Bideaud, Lisette Lombé. Ambas as publicações estão disponíveis em português, francês, inglês e neerlandês.

No texto de apresentação da exposição pode ler-se: “*Europa Oxalá* é a evidência de que a descolonização das artes está a caminho e que é hora de se aceitarem novas narrativas sobre a Europa”. De um modo geral, como olha para o lugar que estas questões têm atualmente na Europa e, especificamente, em Portugal?

Europa Oxalá é uma exposição que mostra a mais contemporânea e cosmopolita cultura europeia, na qual Portugal ocupa um lugar de destaque, não apenas pela sua história, mas pela sua contemporaneidade, expressa pelos seus artistas, pelos seus pensadores, pelas suas tentativas de diálogo entre várias regiões do mundo, pela sua luta na construção de uma cidadania europeia inclusiva e pós-colonial. Os fantasmas são muitos, as fantasias criadas para os enganar têm a espessura de séculos. É uma luta constante e quotidiana, portuguesa, europeia, global.

Uma “luta” que o projeto *Memoirs – Filhos de Império e Pós-memórias* continuará a travar?

Com certeza. Já no próximo dia 4 de novembro vamos encontrarmo-nos na Culturgest, em Lisboa, no colóquio internacional Constelações da pós-memória na Europa pós-colonial. A parte da manhã é dedicada a apresentar os resultados do projeto, uma plataforma de artistas e obras da pós-memória com mais de 350 artistas e mais de 1200 obras e o livro *A cena da memória*. O presente do passado na Europa pós-colonial, organizado por António Sousa Ribeiro, que constitui uma cartografia do projeto, com textos da minha autoria e de António Pinto Ribeiro, António Sousa Ribeiro, Bruno Sena Martins, Ettore Finazzi-Agrò, Fátima da Cruz Rodrigues, Felipe Cammaert, Fernanda Vilar, Graça dos Santos, Paulo de Medeiros e Roberto Vecchi. Na parte da tarde teremos mesas de debate à volta das questões “Como se transmite a memória?”, “Como se representa a memória?”, “Como se expõe a memória?”, com académicos, artistas, diretores de museus, curadores e jornalistas. A conferência final, intitulada “Cidadania da Memória: Legados Polémicos do Colonialismo e do Genocídio”, está a cargo de Michael Rothberg, da Universidade da Califórnia, Los Angeles, um dos maiores especialistas em estudos da memória. **JL**

Nota: Na capa deste Encarte utilizamos a imagem da capa do catálogo da exposição Europa Oxalá. A obra é Dada (2018), de Sabrina Belouar. Escultura, molde de mãos, em gesso, e cinto velho em couro, dimensões variáveis. © ADAGP, Paris 2021, cortesia Mohamed Bourouissa



Na língua de Camões: Cátedras pelo mundo Itália: Cátedra Vasco da Gama

MARIAGRAZIA RUSSO

■ A Cátedra Vasco da Gama foi inaugurada no dia 28 de janeiro de 2020, na presença do então Presidente do Camões, I.P., Embaixador Luís Faro Ramos, do Embaixador de Portugal em Itália Pedro Nuno Bártolo e da professora doutora Annabela Rita, da Universidade de Lisboa. A Presidente da Cátedra é a professora doutora Mariagrazia Russo, professora catedrática de língua portuguesa e Diretora da Faculdade de Interpretação e Tradução da Università degli Studi Internazionali di Roma (UNINT); a docente de referência é a doutora Maria Serena Felici, professora auxiliar (‘ricercatrice’ RtdA) de língua portuguesa. Todos os professores contratados de português da UNINT também integram a Cátedra.

A Cátedra segue linhas de investigação que incluem a língua portuguesa, a linguística, as culturas e as literaturas de língua portuguesa. Mais especificamente: literatura e história da navegação, italianos em Portugal e portugueses em Itália, trabalhos de arquivo e estudos da diáspora; interpretação e tradução; lexicografia; português como língua estrangeira, segunda língua ou língua de herança; língua portuguesa e linguística (linguística missionária, línguas de fronteira e de contacto); literatura portuguesa de todas as idades.

Em termos de didática, a Cátedra promove o ensino das línguas e culturas portuguesas e especializa-se na formação de tradutores e intérpretes luso-italiano-português e luso-inglês-português. Tendo em conta a posição de vanguarda que a

UNINT tem no âmbito da inovação no ensino, alguns recursos económicos são dedicados ao ensino da língua portuguesa na área local e nas escolas.

Desde o seu nascimento, a Cátedra Vasco da Gama tem realizado diversos eventos, apesar do subitâneo aparecimento da pandemia ter reduzido as possibilidades de iniciativas no ano de 2020. Assim, em 2021, foram organizadas por Maria Serena Felici duas conferências no âmbito da disciplina de literatura portuguesa, que viram a participação de remoto do doutor José Carvalho Vanzelli e do professor doutor Sílvio César Alves. Os temas tratados, respetivamente, foram: a intertextualidade na escrita de Manuel Alegre e os conceitos de nação, pátria e revolução em Almeida Garrett, Antero de Quental e Eduardo Lourenço. Em maio de 2021, para celebrar o Dia Mundial da Língua Portuguesa, a professora doutora Gislaiane Marins, professora contratada de português na UNINT, juntamente com a Presidente, Mariagrazia Russo, organizou o *webinar* internacional “Embaixadores das Culturas de Língua Portuguesa”, que viu a participação de numerosos estudiosos de universidades portuguesas, angolanas e brasileiras. No mesmo ano, a Cátedra, na pessoa do professor Federico Giannattasio, realizou para os alunos intérpretes de português e das outras línguas o *webinar* “Riservatezza, Interpretariato, Uso dei social”. Neste mês de novembro de 2021, a Presidente Mariagrazia Russo e a docente Maria Serena Felici realizarão

o colóquio internacional “Eça de Queirós, viagens e diplomacia: um olhar sobre o mundo”. O colóquio, patrocinado pelo Camões, I.P., irá ter a participação de estudiosos queirosianos de nível internacional e também a apresentação da tradução de “O Egito”, pela Tuga Edizioni, a exposição virtual de alguns documentos originais queirosianos outorgados pela Fundação Eça de Queirós, e a inauguração na UNINT do Observatório da Língua Portuguesa.

Com o objetivo de fomentar a divulgação da língua portuguesa, durante o ano letivo 2020-2021 foram realizados dois cursos na UNINT para o público externo à universidade e quatro cursos extra-curriculares em escolas de Roma (trabalhos organizados pela Presidente da Cátedra).

A UNINT, finalmente, é ente aplicador dos exames do CAPLE (Centro de Aplicação do Português Língua Estrangeira), e realiza duas sessões de exames por ano.

Para o futuro, a Presidente e a docente de referência pretendem continuar na linha já traçada e incrementar a colaboração com Cátedras do Camões, I.P. na Itália e no exterior, com a finalidade de constituir uma rede que garanta aos estudantes universitários e a todos os que estiverem interessados em aprender a língua portuguesa um contacto constante com o mundo lusófono e com as suas manifestações artísticas. **JL**

**Presidente da Cátedra Vasco da Gama, diretora da Faculdade de Interpretação e Tradução e professora catedrática de Língua Portuguesa da Università degli Studi Internazionali di Roma (UNINT), Itália*



Cátedra Vasco da Gama
Università degli Studi
Internazionali di Roma
e cartaz do colóquio
internacional dedicado a Eça
de Queirós, que se realiza nos
dias 4 e 5 deste mês